



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



O corpo como território político: representações femininas na arte e na fotografia contemporânea¹

Marília Faustino Cruz²

Maria das Graças Amaro da Silva³

RESUMO: A história da arte é marcada pelo apagamento e pela desvalorização das mulheres artistas e durante séculos, o corpo feminino foi representado sob o olhar masculino, reduzido a objeto estético e privado de voz. A partir das décadas de 1960 e 1970, com o fortalecimento do movimento feminista, a arte passou a ser revisitada sob uma perspectiva política e de reconstrução histórica. Nesse contexto, a fotografia tornou-se uma linguagem essencial para as mulheres reivindicarem autoria e representatividade. Este trabalho analisa a representatividade feminina na arte e na fotografia, destacando as produções de Ana Mendieta, Francesca Woodman e Claudia Andujar. A pesquisa, de caráter qualitativo e exploratório, baseia-se em revisão bibliográfica das obras das artistas e análise semiótica das imagens, buscando compreender como a arte feminista ressignifica o corpo feminino como território de resistência e afirmação.

PALAVRAS-CHAVE: arte feminista; fotografia; corpo feminino; representação; resistência; visibilidade.

INTRODUÇÃO

¹ Trabalho apresentado no GT “Fotografia contemporânea”.

Trecho integrante do Trabalho de Conclusão de Curso da autora, apresentado ao curso de Comunicação Social-Educomunicação, Universidade Federal de Campina Grande, em 2023.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da mídia da UFRN, e-mail: mariliafaustino088@gmail.com

³ Professora Associada III, da Universidade Federal de Campina Grande, no Curso de Comunicação Social, com ênfase em Educomunicação da UFCG, e-mail: maria.amaro@professor.ufcg.edu.br



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



A história da arte foi construída majoritariamente sob o olhar masculino, o que resultou na marginalização de artistas mulheres e na exclusão de suas produções dos registros históricos e institucionais. Como observa Vicente (2020), as obras de mulheres foram menos preservadas, restauradas e catalogadas, criando um vazio histórico sobre a contribuição feminina na arte. Esse apagamento reflete as estruturas patriarcais que determinaram não apenas quem poderia produzir arte, mas também quais produções seriam legitimadas.

Com o fortalecimento do movimento feminista na década de 1970, novas abordagens começaram a questionar essa ausência. Linda Nochlin (2016), em seu ensaio “Por que não houve grandes mulheres artistas?”, problematizou o sistema de exclusão das mulheres e denunciou as barreiras institucionais que dificultavam sua formação e reconhecimento. A partir desse marco, a arte feminista passou a se afirmar como um movimento político e estético de revisão da história, valorizando o corpo feminino e sua potência simbólica.

Nesse contexto, a fotografia se destaca como uma linguagem de resistência, pois permite a autodefinição e a expressão subjetiva das mulheres. O presente trabalho propõe-se a refletir sobre a representatividade feminina na arte e na fotografia, destacando artistas que ressignificaram o corpo como território político e poético.

A REPRESENTATIVIDADE E ARTE FEMINISTA

A representatividade feminina na arte sempre foi atravessada por desigualdades de gênero e poder. Vicente (2020) aponta que, entre os séculos XVI e XIX, diversas mulheres artistas obtiveram reconhecimento em vida, mas



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



suas trajetórias foram silenciadas posteriormente pela historiografia oficial. A ausência de mulheres nas narrativas da arte é, portanto, um reflexo das estruturas sociais e culturais patriarcais.

Com o avanço do feminismo nos anos 1960 e 1970, as mulheres começaram a se organizar para questionar esse apagamento. A arte feminista surge como um movimento que busca reconstruir genealogias e propor novas representações do corpo e da mulher. Um exemplo significativo são as ações das Guerrilla Girls, coletivo que denunciou o machismo e o racismo nas instituições de arte. Seu cartaz “Do women have to be naked to get into the Met Museum?” (1989) ironiza o fato de que, nas galerias, a presença feminina era predominante apenas como corpo nu e objeto de desejo, não como artista.

Como observa Cunha (2016), o corpo feminino, antes representado sob o olhar masculino, torna-se território de resistência e afirmação. A arte feminista, nesse sentido, não é apenas estética, mas também política e social, pois desafia hierarquias e propõe novas leituras sobre o feminino e o corpo.

A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA FOTOGRAFIA

A fotografia, assim como outros campos das artes visuais, foi historicamente dominada por olhares masculinos. Conforme observa Perrot (2003), mesmo quando o corpo feminino era amplamente representado, permanecia silenciado e destituído de voz, funcionando como objeto de desejo e não como sujeito da narrativa visual. A arte feminista, ao adotar a fotografia como meio expressivo, desloca esse paradigma e inaugura uma nova forma de representação do corpo feminino, marcada pela subjetividade, pela performance e pela autorreferência.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Nesse sentido, artistas como Ana Mendieta, Francesca Woodman e Claudia Andujar desempenham papel fundamental na consolidação de uma linguagem visual feminista. As três artistas, em contextos distintos, utilizaram a fotografia não apenas como registro, mas como instrumento de reflexão sobre o corpo, a identidade e a política da imagem.

Ana Mendieta, artista cubana radicada nos Estados Unidos, propôs uma arte que unia corpo e natureza, fundindo-se à terra em gestos de pertencimento e ancestralidade. Em sua série *Siluetas* (1973–1978), a artista utiliza elementos naturais como fogo, terra e água para criar silhuetas efêmeras, nas quais o corpo feminino deixa de ser objeto para se tornar símbolo de vida e resistência. Sua obra insere a nudez em um contexto ritualístico e político, desafiando a leitura patriarcal da exposição do corpo.

Francesca Woodman, por sua vez, explora o autorretrato como meio de investigação da identidade feminina. Suas fotografias em longa exposição e composições fragmentadas revelam uma poética da ausência e da desmaterialização, em que o corpo se dissolve no espaço e questiona as fronteiras entre o visível e o invisível. Ao ocultar o rosto e fundir-se ao ambiente, Woodman rompe com o ideal de beleza e estabilidade do corpo feminino, propondo uma estética do efêmero e do introspectivo.

Já Claudia Andujar, fotógrafa suíça naturalizada brasileira, estabelece uma relação singular entre arte, política e ética. Ao retratar o povo Yanomami, a artista rompe com a perspectiva documental tradicional e propõe uma imagem sensível e espiritualizada, na qual o corpo e a natureza se entrelaçam. Sua abordagem se distingue pelo respeito à alteridade e pela capacidade de revelar o invisível — não apenas o aspecto físico, mas o simbólico e o espiritual. A experiência de Andujar reafirma a fotografia como espaço de



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



empatia e resistência, aproximando-a de uma estética feminista de compromisso social.

Observa-se, assim, que as três artistas compartilham o uso do corpo como meio de expressão e resistência, embora o abordem a partir de perspectivas distintas. Enquanto Mendieta politiza o corpo ao inseri-lo na natureza, Woodman o fragmenta em busca de subjetividade, e Andujar o espiritualiza, relacionando-o ao coletivo e à ancestralidade. Em comum, todas rompem com o olhar objetificador e constroem uma narrativa em que o corpo feminino se torna sujeito da representação e agente de transformação.

METODOLOGIA

A pesquisa é de natureza qualitativa e exploratória, baseada em revisão bibliográfica e análise interpretativa de obras. Foram consultadas autoras como Nochlin (2016), Vicente (2020) e Valle (2017), que tratam de temas como feminismo, corpo e representatividade na arte. A metodologia busca relacionar teoria e análise semiótica peirceana Santaella e Nöth (1998), analisando como a arte e a fotografia feminista contribuem para a construção de novas narrativas visuais sobre o feminino.

CONCLUSÃO

A análise evidencia que a arte e a fotografia feminista constituem espaços fundamentais de resistência e reconstrução identitária. O corpo feminino, outrora objetificado, torna-se meio de expressão política e subjetiva. Mendieta, Woodman e Andujar ressignificam a imagem da mulher, rompendo com a lógica patriarcal e afirmando novas formas de existência e visibilidade.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Com isso, a representatividade feminina na arte contemporânea vai além da inserção de mulheres no campo artístico: trata-se de uma transformação profunda nas formas de ver, representar e compreender o feminino. O movimento feminista e a fotografia abriram caminhos para uma arte mais plural, inclusiva e consciente de seu papel social.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Micael Luz. **Fotografia, Diálogo e Vulnerabilidade: Claudia Andujar e os Yanomami**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-graduação em Letras: cultura, educação e linguagens – PPGCEL, Vitória da Conquista, 2021.

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** São Paulo: Edições Aurora, 2016.

PERROT, Michelle. **Os silêncios do corpo da mulher**. MARIA, Izilda S. de Matos; RACHEL Soihet (org.). O corpo feminino em debate. São Paulo: Editora UNESP, 2003. Disponível em <<https://encurtador.com.br/nsDLZ>>. Acesso em 05/09/2025.

PEREIRA, Bruno; FILHO, Fernando S. Teixeira. **Francesca Woodman: a fotografia para além dos limites da representação**. Londrina: Revista Discurso Fotográficos, vº13, n.23, p.161-189, 2017. Disponível em <<https://l1nq.com/C4jlp>>. Acesso em 05/09/2025.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: 1ª edição. Iluminuras LTDA, 1998.

SILVA, Isabella Rechecham da; BONILA, Caroline Leal. **Provocações de Ana Mendieta: o corpo e a natureza como objeto da arte**. Revista Seminário de História da Arte, VOLUME 01, No 07, 2018. Disponível em: <<https://urx1.com/xZkCe>>. Acesso em 04/09/2025.

VICENTE, F. L. **A Arte sem história: Mulheres e cultura artística (Séculos XVI-XX)**. Lisboa: Athena (babel), 2012.

VALLE, Isabella C. B. Ribeiro do. **Mulheres fotógrafas: resistências, enfrentamentos e as redes de (in)visibilidade no contexto do Recife**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Centro de Artes e Comunicação, – Recife, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/31874>>. Acesso em: 12/07/2025.